

## DOBRES SOBRE A LUZ

*Thiago Ponce de Moraes* é poeta e tradutor. Atualmente, cursa doutorado em Literatura Comparada na UFF – com pesquisa sobre as obras de João Cabral de Melo Neto e Joan Miró – e atua como professor no IFRJ. Publicou os livros de poemas *Imp.* (Caetés, 2006) e *De gestos lassos ou nenhuns* (Lumme Editor, 2010), além do livro de ensaios *Remos e Versões* (Multifoco, 2012). E-mail: poncedemoraes@gmail.com

A BELEZA QUE TENS, não a que dás,  
Roça a eternidade nos meus olhos.  
Sob as árvores, da sombra que a Natureza concede,  
Sinto os teus dedos leves repousarem em minha nuca.  
Teus lábios breves – a tua pele –  
A minha voz dispersam: instantes da tarde.  
Sobre meu peito deitada lanças tuas sombras, teus cabelos,  
A beleza que tens: é efêmera e me basta.

ANESTESIADO: ASSIM ESTÁ o teu corpo,  
As mãos tremulam. A vulva.  
O nome que te acompanha, as chaves  
Da passagem do dia. Púrpuras.

Transportas – traduzes. Balbucias  
Certas vontades. Verbos. Nasces em teu  
Ventre. Sentes: alguma coisa cobre  
Os gestos frágeis da tua nudez.

Ainda não o céu que abres, nem o róseo  
Entre tuas pernas. Lábios. Nada  
Pelo véu que encobre o Nunca – muda:  
Nadas na deriva dos teus sonhos. Nada.

ANTES DE VER a grande beleza  
Dos teus olhos mal abrindo –  
Qual infância despertou daquele sonho?  
Qual saudade se afogou feito criança?

Qual um sono só errância: chega aos dentes – qual um soco?  
Aos mares da memória – qual socorro?  
Às raízes da infância – qual fissura a reabrir a terra –  
Qual cesura a discernir em sopro o soluço desta estança?

Antes de ver fechas teus olhos  
À grande beleza, ao cio das lembranças,  
Ao fogo-fátuo do visível, estes fogos de artifício –  
Chamas.

QUANDO DORMES precária como o dia,  
Assinalada por tão densa luz,  
Carregas um peso somente teu.  
Quando, à margem de qualquer figura  
(como esta em que remota finges)  
Segues despreocupada em teu sono,  
Em lugar algum perguntam por ti.  
Quando pendes ebúrnea, silenciosa,  
Ébria – num momento antes do gesto  
Límpido de um pássaro que não sofras –,  
Tornas-te calmamente este dia.  
E nenhum alísio sopra em teu peito,  
Nenhum sonho ou cinzel ousa talhar  
O mínimo detalhe em que acordas.

## CHUVA MÍNIMA

I

Estar na possibilidade,  
Em todas as ruas que ela detém,  
Em cada simples expressão do dia.

Estar nas coisas frugais que,  
Quando coisas pensadas,  
São pequenos relevos.

II

São somente imagens duras de  
Uma chuva mínima. São a vasta multidão de  
Um nome que não se lê.

De um nome sozinho –  
Protegido no rubor que brota  
Ante o despido destino.